

T-749 ou 860

OK
29.07

Revista do Globo

Nº25-23 de Dezembro de 1933

Ano V

Pag. 15

(Editorial)

Presepe^o

O cavalheiro de óculos escuros reacendeu pela terceira vez o péssimo charuto, e teve um gesto exuberante. E como fosse um filósofo e um poeta, continuou com eloquência:

- Dois mil anos de experiências fracassadas, não foram ainda suficientes para convencer os homens da impossibilidade de viver na lei de Cristo. Porque? Muito simples: Só a incerteza é fecunda, só o insuficiente é creador. O homem tira do mistério da eternidade a sua maior força espiritual. Desvendadas as leis do infinito, violados os segredos que mantêm acesas as luzes votivas na ara da divindade, não seríamos mais que fragmentos de dor, dentro da melancólica certeza da nossa aventura cósmica. A dúvida entreabre no mundo uma clareira de esperança. E porque a fé ainda permaneça como um grão de incenso a arder na existência dos povos, criando em torno do envoltório místico do nosso espírito, sentimos a necessidade de não esquecer os grandes símbolos do destino. Renovamos a nossa capacidade espiritual ao contato das representações comemorativas. Tanto evocando um gesto, um sacrificio, uma hora romântica da história dos homens, como tendo a alma de joelhos diante da evocação do milagre, dentro do clarão da grande noite bíblica. Ajoelhar é acreditar. O gesto é ainda uma reminiscência. No fundo das almas vazias de fé, desamparadas de crença, inquietas no perpétuo conflito metafísico do homem moderno, Jesus é a dor sem triunfo. Os profetas que embalsamaram a madrugada do espírito humano, os iniciadores que derramaram o fogo na tranquilidade das consciências, destruíram o silêncio em que se agitavam os sentimentos primitivos, fazendo germinar a inquietação espiritual que é a supremacia da irrealidade. Jesus desvirginou o mundo para o sonho. Os homens que ainda podem fechar o coração á tragédia do universo, perpetuam a magia dessa festa onírica. Talvez, para o extremo senticismo, fosse possível o supremo milagre do Cristo ardente de Papini. O deserto pode esconder na cintilação de sua esterilidade, o desespero de uma semente ... Mas isto já vai ficando um devaneio inútil. Veja a guerra europeia, meu amigo! A força espiritual do cristianismo não impediu que prosequisse o drama da humanidade. As leis do egoísmo biológico continuaram a erguer Sodomas de mármore e Romas modernas, já animadas daquele mesmo espírito que colorio de encanto a cidade dos Cezares em decadência. E podes acreditar: O paganismo não morreu. Continua recalcado, mas é a lei verdadeira porque participa da vida. Certamente já não relembra o silen-

cio do mundo romano, nem a cisma dos poetas, num bosque de mirtos, sob o céu luminoso de Atenas, entre os deuses amáveis, ouvindo a frauta dos últimos faunos. Hoje tudo está mudado. A coragem saudável do nudismo é um bom sintoma. Compareceu o velho Freud anulando os venenos perigosos do nosso ocultismo sentimental. Breve teremos a reconquista da beleza pela alegria do sexo. A humanidade será melhor depois que se libertar dessa inquietação. Caminhamos para lá. Estamos próximos de uma aurora. Os anjos amanhecem. É verdade que sem a semente de Cristo, Lenine não teria existido...

- Você é irreverente!

- Perdão! Eu sou sincero. Porque sou um filósofo e um poeta. Um homem de cultura. Você sabe disso...

- Que modéstia!

- Isso é cá entre nós. Você já percebeu que eu sou um cético. A tragédia da civilização arrasou na consciência humana os restos da divindade. Embora! Isto é apenas para meu uso interno. Para a infinita tristeza da terra. Jesus por vezes deixa de ser a mais bela ficção de desespero, para diluir-se em todos os espíritos, como uma luz de esperança. Dois mil anos talvez não bastem para o desengano dos homens. Recomeçemos a experiência...

A vítima do cavalheiro de óculos escuros teve um sorriso triste e reergueu-se para sair.

- Me deixas?

- Vou realizar mais uma experiência. Preciso comprar uma porção de coisas para armar o presepe dos garotos...

- Ah! .. E a dona Ricota, convalescendo?

- Foi uma gripesinha sem importância...

- Mas olha, chê... paga o café, que eu estou sem níquel...

O cavalheiro que ia comprar uma porção de coisas para o natal, pagou e saiu. Nesse instante o filósofo de óculos escuros riscava um fósforo para reacender, mais uma vez, o péssimo charuto.

Na manhã clara, entre os rumores de um mundo que esquecer a ternura da lei divina, os presepes estavam entreabertos como uma ingênua convalescença de rosas. Na vitrina de uma casa de brinquedos, entre um polichileno colorido e a nevada brancura de um urso polar, haviam armado um pequeno estábulo luminoso. Suspensa do alto, como uma aranha de ouro, brilhava uma estrela. Um avião de folhas de flandres pendia imóvel de um ramo de pinheiro. Todo aquele mundo de milagres, de bichos e de máquinas, dir-se-ia polarizado pela estranha claridade que saía de uma mangedoura, ao fundo, e sobre cujo feno alvorecia um lírio. Os reis magos chegavam, de automovel.